A PROPAGANDA NAZISTA

– técnica, alienação e uma aproximação a partir de Paul Tillich.

Elton Sadao Tada*
Laíssa Correia Gracino**

RESUMO

A propaganda foi um dos elementos mais fortes do Terceiro Reich na Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial. A persuasão utilizada nas propagandas nazistas afetou a população de maneira com que apoiassem praticamente todas as decisões tomadas pelo governo nesse contexto. Para compreender a influência ideológica na Alemanha Nazista este trabalho identifica e analisa os aspectos alienantes contidos na propaganda durante o regime de Hitler. Para se chegar a este objetivo foram selecionadas algumas propagandas para análise e através de um estudo de caso foram relacionados aspectos da Teoria Crítica que justificam a alienação da sociedade perante a indústria cultural. Uma vez que o regime autoritário imposto pelo governo nessa época precisava de extremo poder de manipulação de massas para manter o controle social, entende-se que a propaganda foi a principal ferramenta usada – e desenvolvida – pelo nazismo para o processo de alienação da sociedade. A partir do problema da relação entre técnica e alienação faz-se uma crítica tillichiana.

Palavras-chave: propaganda, nazismo, ideologia.

THE NAZI PROPAGANDA: TECHNIQUE, ALIENATION, AND AN APPROACH FROM PAUL TILlich

ABSTRACT

One of Third Reich strongest elements in pre-WWII Germany was the propaganda and its persuasion. Nazi propaganda affected the population in a way the government was supported in every decision taken in that context. In order to understand the ideological influence in Nazi Ger-

* Doutor em Ciências da Religião, professor na UEM/UNIFAMMA (Maringá, PR).

** UNIFAMMA (Maringá, PR).

many, this paper identifies and analyzes the alienating aspects contained in propaganda during the Hitler regime. For that, some advertisements were selected, analyzed, and with a case study these materials were related to the aspects of Critical Theory justifying the society alienation before the cultural industry. As long as the authoritarian regime imposed by the government at that time needed extreme mass manipulation power to maintain social control, it is understood that propaganda was the main tool used -- and developed -- by Nazism for the process of society alienation. A Tillichian critique is made on the problem of the relationship between technique and alienation.

Key words: Propaganda; Nazism; ideology.

1. Introdução

O partido nazista ao ser eleito após a primeira guerra mundial fez com que a Alemanha superasse a crise promovida por ela mesma, consolidando uma ideologia instituída no poder proveniente das ideias de Adolf Hitler.

A questão sobre as estratégias utilizadas para persuadir e enraizar uma identidade nacionalista radical em toda uma população até hoje é intrigante. É possível garantir que houve uma alienação ideológica? Nesse sentido, vale a pena definir brevemente que alienação é um termo muito utilizado na teoria crítica que determina uma incompreensão da realidade, onde se padroniza um comportamento voltado ao consumo.

Um das hipóteses é a ideia de que a ideologia é uma ferramenta de controle social, conforme prevista pela Teoria Crítica de Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Max Horkheimer. Diante disso, se entende que a indústria cultural mascara um objeto mostrando apenas as qualidades, um instrumento para persuadir a massa que não compreende que por trás desse processo há um discurso ideológico.

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O facto de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De facto, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroactiva, no qual

a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.57).

Assim, acredita-se que esse princípio de alienação cultural tenha sido utilizado como elemento fundamental para manipular os valores da sociedade alemã no início do século XIX por meio do discurso da propaganda. Isso fez com que as pessoas abraçassem o movimento e apoiassem o novo partido em ascensão.

2. Contexto Histórico

Com a Alemanha em crise após ser responsabilizada pela 1ª Guerra Mundial e a população se sentindo humilhada, o território do país estava reduzido fazendo com que no fim da guerra o regime monárquico caísse, dando origem a república de Weimar¹ (BERGAMO, OLIVEIRA, 2014).

De acordo com Bergamo, Oliveira (2014), a vontade de unificar a Alemanha fez com que fosse criado o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). O partido que foi desenvolvido de forma rápida e se fortaleceu através de pessoas que estavam insatisfeitas com a economia alemã e o poder de persuasão de seu líder.

Santos (2011) afirma que os alemães acreditavam que Hitler poderia ser o líder que precisavam para fazer com que a Alemanha recuperasse sua economia. O fim da primeira guerra mundial, com o Tratado de Versalhes fez com que a Alemanha cessasse sua indústria bélica. Fazendo com que a economia do país ficasse desestruturada o número de desempregados chegasse a atingir 6 milhões de pessoas. A esperança relacionada ao novo líder se deu por conta de fortes influências que Hitler possuía, assim como a organização e propaganda elaborada pelo partido.

¹ A República de Weimar nasceu a partir da proclamação da constituição da República Alemã em 1919 na cidade de Weimar na Turíngia. O Kaiser Guilherme II renuncia e o sobe ao poder Friedrich Ebert, do Partido Social Democrata. Este tem como primeira grande tarefa impedir que a Alemanha se fragmentasse em meio a várias revoltas locais (SANTIAGO, 2012).

A figura chave na criação de material da propaganda antissemita e pró-nazista foi Goebbels, um dos mais ferrenhos defensores de Hitler, fazia muitas tiras para jornais onde acusava e difamava os Judeus sem piedade (COUTO, S. P., 2007, p. 10 *apud* BERGAMO, OLIVEIRA, 2014, p. 35).

No entanto, Bergamo e Oliveira (2014) explicam que quando nomeado Chanceler, Hitler criou órgãos para auxiliar a ideologia pregada pelo partido. Estas organizações (SA - Tropa de Assalto (1922) e a SS que era a formação de elite da SA) eram compostas por militares e tinham a função de estabelecer um controle social com serviços de espionagem, segurança, centros de pesquisa para a colonização da raça ariana e também combatiam as traições ao governo nazista.

A SA e SS foram responsáveis pelas mortes e perseguições de judeus, negros, homossexuais, comunistas e outros grupos que não se encaixavam dentro dos princípios nazistas. “Através de todas essas organizações conseguiram atingir e aumentar na mente Alemã os valores culturais e filosóficos enaltecendo sempre o nacionalismo; isso fez com que cada vez mais pessoas se aliassem ao seu partido” (BERGAMO, OLIVEIRA, 2014, p. 35).

Hitler assume em 1933 como presidente, dando início a um governo totalitarista. Ele reacende a economia tornando a indústria bélica ativa novamente, descumprindo os itens do Tratado de Versalhes. A partir disso, aprova leis que justificam a violência em massa, fecha sindicatos e fortifica a cultura, investindo na educação e no exército. Isso fez com que a população acreditasse que o país só iria se restabelecer através da guerra, (BERGAMO, OLIVEIRA, 2014).

A partir da sede de Hitler em expandir seus territórios e pregar sua ideologia, se desencadeia o genocídio causado pelo holocausto², e estimula o nascimento da 2ª Guerra Mundial. De acordo com dados fornecidos pelo Museu do Holocausto, cerca de 55 milhões de pessoas morreram, em todo o mundo a partir desta guerra. (PORTAL USHMM, 2016). O final da Guerra aconteceu com a derrota dos nazistas pela Rússia, o país alemão ficou destruído e a divulgação das atrocidades

² “Holocausto” é uma palavra de origem grega que significa “sacrifício pelo fogo”. O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus (PORTAL USHMM, 2016).

realizadas pelo governo alemão deram origem a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

A Declaração, retomando os ideais da Revolução Francesa, representou a manifestação histórica de que se formara, enfim, em âmbito universal, o reconhecimento dos valores supremos da igualdade, da liberdade e da fraternidade entre os homens, como ficou consignado em seu Art. 1º. A cristalização desses ideais em direitos efetivos, como se disse com sabedoria na disposição introdutória da Declaração, far-se-á progressivamente, no plano nacional e internacional, como fruto de um esforço sistemático de educação em direitos humanos (SANTOS, 2013, p. 3).

3. A Mídia

Em 1933 o partido nazista já estava no poder e estabelecendo o Ministério do Reich para o esclarecimento da propaganda. Joseph Goebbels foi encarregado deste departamento com o objetivo de garantir que a ideologia fosse transmitida por mensagens através da arte, música, teatro, filmes, livros, rádios, materiais escolares e imprensa. As propagandas passavam por audiências para serem aprovadas e tinham como função criar uma atmosfera propensa que antecedia o estabelecimento das leis antisemitas³ (PORTAL USHMM 2016).

O cinema desenvolveu um papel muito importante na propagação de ideias antisemitas, raciais ou de superioridade do poder militar do país, esclarecendo, os filmes retratavam alemães como heróis de guerra criando uma essência nacionalista para a população. E também caracterizavam os judeus como vilões e seres sub-humanos que se infiltravam na sociedade ariana (PORTAL USHMM 2016).

Alguns filmes, como “O Triunfo da Vontade”, de 1935, de Leni Riefens-tahl, exaltavam Hitler e o movimento Nacional Socialista. Duas outras obras de Leni, “O Festival das Nações” e “Festa da Beleza” (1938),

³ Durante o governo do Terceiro Reich foram adotados decretos, leis, diretrizes e regulamentações que restringiam os direitos humanos e civis dos judeus na Alemanha, como por exemplo, 9 de abril de 1937 o prefeito de Berlim ordena que as escolas públicas não aceitem crianças judias até segunda ordem, 21 de fevereiro, 21 de fevereiro de 1939, Decreto Referente à Entrega de Metais e Pedras Preciosas ordena a entrega destes bens que estejam de posse de judeus ao Estado, 1 de agosto de 1939, o Presidente da Loteria Alemã proíbe a venda de bilhetes a judeus (PORTAL USHMM 2016).

mostraram os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, promovendo o orgulho nacional com o sucesso do regime nazista naqueles Jogos (PORTAL USHMM 2016).

Durante a implementação do extermínio em massa nos campos de concentração, os soldados da SS forçavam as vítimas a apresentar uma normalidade na presença de visitas, quando, por exemplo, tiravam fotos ou filmavam os campos a fim de passar uma tranquilidade para o resto da população (PORTAL USHMM 2016).

4. Teoria Crítica

A Teoria Crítica serve como base de argumentação para estabelecer relações de alienação ideológica às propagandas selecionadas. Esta teoria foi desenvolvida por um grupo de alemães intelectuais marxistas não ortodoxos (neomarxistas). Que apresentaram pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, econômicos, sociais, culturais e estéticos gerados pelo capitalismo a partir de 1920, frisando os autores Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor Adorno.

Esta teoria faz uma forte crítica à indústria cultural, sendo ela uma integração deliberada, a partir do alto de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior. A indústria cultural dita certos padrões a sociedade isto faz com que o indivíduo confunda o lazer com o consumo, e acabe fixado em apenas consumir. Tudo isso se dá basicamente porque a sociedade está cansada de enfrentar a realidade e o cotidiano.

Adorno (1978) explica que o termo *mass media* foi introduzido para designar a indústria cultural como algo inofensivo. Apresentada como um progresso esta indústria está sujeita a mudar conforme a motivação do lucro. A falsa sensação de individualidade contribui com o crescimento ideológico alienado imposto pelo poder que sustenta a indústria cultural. Isto desperta um refúgio da existência contemplado pelo imediatismo do consumo, no qual tudo é caracterizado ao trabalho de produção industrial massificado, desde o trabalho humano individual até o consumo deste indivíduo. Quanto mais desumanizada a ação e o conteúdo do produto ao se comunicar, mais bem-sucedido ele será (ADORNO, 1978).

Assim, compreende-se que a indústria cultural forma a consciência de seus consumidores, produzindo informações pobres ou insignificantes, gerando um conformismo social.

Para Adorno (1978), a ideologia pode ser difundida com a arte. Por meio da ideologia da indústria cultural a ordem que se é transmitida não se confronta, mas nem sempre essa ordem é algo correto e válido para o interesse social.

O autor também explica que os estímulos da indústria cultural não são fórmulas de “vida feliz”, nem uma nova arte ou responsabilidade moral. São estímulos a se conformar com o que esta por trás de interesses poderosos. A indústria cultural impede a formação de uma sociedade autônoma e crítica, mas o direito de alienar-se a ela é uma característica da sociedade democrática. Isto também pode levar a um estado de poder totalitário, considerando que este tipo poder não só priva a população de desenvolver um senso crítico, mas também transforma a sociedade em uma sociedade preguiçosa. Uma sociedade que apenas se alimenta do que está disponível a partir do fácil alcance, por isso se torna padronizada.

Adorno, Horkheimer (1985) usam o termo esclarecimento para simbolizar os processos de racionalização do homem. Estes processos não previsíveis fazem com que a prática de dominação política e econômica seja realizada,

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em si torna para ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. Essa identidade constitui a unidade da natureza (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 7).

Desta forma, a Teoria Crítica expõe claramente como o poder é suscetível em sociedades que não possuem um senso crítico, pois geralmente estão sob domínio de uma força que possui o esclarecimento. Essas sociedades estão mais vulneráveis ao controle social mesmo que este controle não seja imposto de forma clara, muitas vezes ele não é entendível, mas de alguma forma está lá.

5. Análise

5.1. O Triunfo da Vontade

Segundo PEREIRA (2003) a propaganda política é entendida como um fenômeno da sociedade e da cultura de massas, ela utiliza símbolos e signos para seduzir, sensibilizar e estabelecer paixões de forma eficaz para consolidar conquistas políticas.

O autor também relata que a Alemanha começou a se interessar em investir no cinema como ferramenta de propaganda na primeira guerra mundial, mas quem adotou o cinema como uma cultura paralela, estudando as imagens e melhor forma de usar esta ferramenta foram os nazistas.

Durante os 12 anos de regime nazista, estima-se que foram produzidos mais de 1.350 longas-metragens, que buscaram de várias formas enaltecer o nazismo, estimulando a grande maioria da população alemã a participar da experiência nazista, além de colocar a Alemanha em segundo lugar na produção cinematográfica mundial, atrás apenas dos Estados Unidos da América (PEREIRA, 2003, p. 111).

Um dos filmes mais importantes deste período foi “O Triunfo da Vontade” dirigido por Leni Riefenstahl. PEREIRA (2003) expõe que o filme é uma espécie de documentário planejado (que não deixa claro o que é real ou ficção), para ser um reflexo do regime nazista, pois nele foi retratado o congresso do partido nazista em Nuremberg em 1934, tornando difícil distinguir onde está a encenação e a realidade.

Diante disso, Adorno (1970 p.30), revela que a arte testemunha algo oculto, “há nela algo de inflexível em relação ao conhecimento racional”. É possível refletir que o cinema como forma de arte está carregado de signos que não são expostos de maneira completamente clara, podendo ocorrer uma ação de alienação.

O autor ainda afirma que a arte possui duas interpretações: conserva a imagem objetiva bloqueando a racionalidade e convence o estado de coisas da irracionalidade. Ocultando os fatos, faz com que a sociedade se aproprie do pensamento passado pela arte. Para exemplificar, é possível ver através de imagens no começo do filme um avião pousando em terra, imagens de nuvens, e o avião se aproximando da terra passa a sensação de que está chegando algo grandioso do céu. As pessoas estão aguardando ansiosamente a chegada, como se algo celestial estivesse chegando do céu.

Figura 1: Nuvens

Fonte: (YOUTUBE, 2014)

Figura 2: Avião

Fonte: (YOUTUBE, 2014)

Figura 3: Avião em pouso

Fonte: (YOUTUBE, 2014)

O psicanalista da Escola de Frankfurt Erich Fromm (1963) cita que a psicanálise vê o comportamento humano definido por impulsos emocionais, sendo estes impulsos psicológicos enraizados no ser humano. Ao fazer uma chegada de tamanha grandeza os líderes nazistas que estavam neste avião, queriam passar a mensagem de exaltação, algo divino vindo do céu, intocável e salvador. Era essa a comparação que o *Führer* queria passar a sociedade alemã que possuía as raízes religiosas interpeladas na sociedade.

Adorno (1966) cita a partir de Hegel, que há um elemento da dialética na tradição alemã associando pensamentos profundos do ser com pensamentos prontos, jurando a teodiceia da morte e do mal, um fim teológico que julga o valor de um pensamento a um resultado ligado ao caráter. Explicando o porquê a sociedade teme ou exalta o divino, em busca da consciência sã.

Adorno, Horkheimer (1985) desmistificam a religião, podendo ser uma forma de alienação ideológica, a sociedade incipiente precisa de um culto para se apegar ideologicamente.

Enquanto totalidade desenvolvida linguisticamente, que desvaloriza, com sua pretensão de verdade, a crença mítica mais antiga: a religião popular, o mito patriarcal solar é ele próprio esclarecimento, com o qual o esclarecimento filosófico pode-se medir no mesmo plano. A ele se paga, agora, na mesma moeda. A própria mitologia desfecha o processo sem fim do esclarecimento, no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a uma crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença, até que os próprios conceitos de espírito, de verdade, e até mesmo de esclarecimento tenham-se convertido em magia animista (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 8).

A desmistificação da religião é um dos esclarecimentos propostos pela Teoria Crítica. A sociedade exalta um poder e pode facilmente associar o poder divino com o poder político quando os estímulos certos são propostos a eles.

Também é interessante pontuar no filme as diversas aparições de crianças, sempre sorrindo e compactuando com a demonstração de poder de Hitler. As crianças eram extremamente importantes para a propagação da mensagem nazista, o processo de doutrinação dos ideais era imposto para elas extremamente cedo. Assim a padronização comportamental e

entendimento da ideologia era mais rápido e eficaz, sem ao menos gerar dúvidas no que era pregado, por que até então era a única realidade que conheciam.

Muitos desses meninos e meninas que se juntam às nossas organizações aos 10 anos de idade, pela primeira vez na vida recebem um pouco de ar puro; depois de quatro anos [inseridos na organização] “Povo Jovem” eles unem-se à “Juventude Hitlerista, onde permanecem por mais quatro. Se, ainda assim, eles não tenham se tornado nacional-socialistas por completo, eles entram para o “Serviço de Mão-de-obra”, e ali são lapidados por seis ou sete meses mais... E se ainda sobrar [dentro deles] alguma consciência de classe ou status social, as Wehrmacht [forças armadas alemãs] cuidarão disto (PORTAL USHMM 2016).

É possível ver imagens no filme de crianças sorrindo e se divertindo no exército e aprendendo certos ofícios.

Figura 4: Menino sorrindo

Fonte: (YOUTUBE, 2014)

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a ação de pensar se torna substituível por uma ideia já construída e repetida inúmeras vezes até que este processo transforme automaticamente o esforço crítico.

“O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985 p. 37). A partir da doutrinação da juventude nazista através de propagandas ideológicas e processos de repetições, o raciocínio em questão poderia se tornar

ineficaz, pois passado um tempo essas pessoas já não questionavam mais ações do governo ou suas próprias ações. A repetição fez com que a ação se propagasse e a realidade fosse ditada por um governo totalitário.

“Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 34). Diante disto, entende-se que ao se contentar com uma reprodução de um pensamento a sociedade regride, pois não está desenvolvendo uma reflexão necessária.

O formalismo desse princípio e de toda a lógica, que é o modo como ele se estabelece, deriva da opacidade e do entrelaçamento de interesses numa sociedade na qual só por acaso coincidem a conservação das formas e a dos indivíduos. A expulsão do pensamento da lógica ratifica na sala de aula a coisificação do homem na fábrica e no escritório (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 17).

A partir da metodologia na doutrinação de crianças, o senso crítico se torna algo dispensável, assim estas crianças se transformariam em adultos que apoiariam a máquina política e viveriam de acordo com as regras impostas pelo governo. Entende-se que quando não há questionamento, é gerado um looping no qual a reprodução é baseada na produtividade econômica da população e o consumo contínuo inconsciente de tal ideologia.

O filme expõe também os soldados trabalhando e repetindo frases nacionalistas ao executar suas atividades, não só mostrando a questão da repetição conforme comentado, mas também a obediência e respeito pelo seu país.

O medo de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o temor da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade, que ameaçava a cada instante a civilização. O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sobre o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída de poder (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 18).

É explícita a relação de trabalho e poder destituídos no filme, mostrando que o trabalho só é frutífero quando submisso e cívico. To-

das as peças são de uma máquina arquitetada para dar resultado, mas que apenas funciona com o comandante correto. No filme é explícito todos os soldados que estão trabalhando realizam atividades repetindo a frase ditada por seu superior, unificando cada vez mais uma ideologia internalizada através da repetição. Sendo compreendido que esta ação de trabalho extingue o pensamento individual e prevalecesse o coletivo, em série, como é apresentado pelo filme. A alienação possui a característica passiva que se curva ao poder.

Thought as such, before all particular contents, is an act of negation, of resistance to that which is forced upon it; this is what thought has inherited from its archetype, the relation between labor and material. Today, when ideologues tend more than ever to encourage thought to be positive, they cleverly note that positivity runs precisely counter to thought and that it takes friendly persuasion by social authority to accustom thought to positivity. The effort implied in the concept of thought itself, as the counterpart of passive contemplation, is negatival ready—are volt against being importuned to bow to every immediate thing (ADORNO, 1966, p. 19)⁴.

Em face do é exposto na Teoria Crítica, nota-se que o filme é um exemplo de disciplina e instrução para a massa, até mesmo para combater possíveis resistências que em um período antecedente reagiam contra a doutrina. Adorno (1966) evidencia que diante da ideologia a oposição não é encorajada por muito tempo, assim a sociedade da oposição é vencida pela massa passiva, fazendo com que prevaleça o caminho pacífico da aceitação.

⁴ O pensamento como tal, antes de todos os conteúdos particulares, é um ato de negação, resistência àquilo que lhe é imposto; isso é o que o pensamento herdou de seu arquétipo, a relação entre trabalho e material. Hoje, quando os ideólogos tendem mais do que nunca incentivar o pensamento a ser positivo, eles inteligentemente notam que a positividade corre exatamente contra o pensamento e que é propenso a persuasão para a autoridade social ser positiva. O esforço implicado no conceito de pensamento em si, como a contrapartida da contemplação passiva, é já negativa – Uma revolta contra ser importune a se curvar a cada coisa imediata – tradução livre.

Figura 5: Soldados trabalhando

Fonte: (YOUTUBE, 2014)

A teoria também aponta que para o poder doutrinador não é interessante o incentivo intelectual. Para alimentar a indústria cultural é necessário que a produção em massa seja eficaz e continue em severo progresso, a fim de perpetuar a funcionalidade da indústria. Adorno, Horkheimer (1985) explicam que é necessário que as atividades de produção e intelectuais sejam separadas,

A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência: a separação dos dois domínios prejudica a ambos (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 19).

As funções da sociedade são unificadas, assim o intelecto se torna pobre, as pessoas são destinadas a cumprir apenas uma função e pensar apenas de acordo com uma maneira específica.

Graças aos modos de trabalho racionalizados, a eliminação das qualidades e sua conversão em funções transferem-se da ciência para o mundo da experiência dos povos e tende a assemelhá-lo de novo ao mundo dos anfíbios. A regressão das massas, de que hoje se fala nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscação que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva

da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 19).

A atitude da sociedade alienada que pensa sempre em coletivo é uma característica da massa, aplicada na Alemanha nazista. As pessoas não são capazes de ter ideias próprias e emoções. São desprovidas da argumentação e caracterização pessoal, fazendo com que um poder que ao ser dividido, seria individualmente melhor aproveitado. Mas se unificado, esse poder é assumido pelo mais forte: o governo, que de maneira ambiciosa torna o principal foco na conquista de mais poder.

5.2. A Harmonia Heroica

Além de teórico da escola de Frankfurt, Adorno fora compositor e musicólogo. Passou grande parte de sua vida debruçando-se sobre a música do século XX, caracterizada pelo rompimento dos padrões tonais de escuta e composição, nomeada Dodecafonismo, fundado e idealizado pelo compositor Arnold Schoenberg. Cabe ressaltar que, há seu tempo, a teoria crítica aliada à cultura de massas fazia referência à concepção de coletividade. O que se tornara motivo de consumo de uma maioria sem a consciência crítica disso, era logo tratado como mercadoria, e logo objeto de fomento para uma prática consumista, onde a arte perdia seu fundamento principal em ser destinada a algo que não ela mesma.

Na mesma linha de pensamento estético, o ensaísta frankfurtiano Walter Benjamin, em sua peça “A Obra de Arte na era da sua Reprodutibilidade Técnica” comenta justamente a perda da “aura” das obras de arte, justamente por serem feitas para atingirem a coletividade. Sendo discutido o que legitima esteticamente uma obra como arte. Porém, não trataremos disso neste artigo.

Tomando como base tais teorias, é possível traçar uma linha conexa entre a coletividade e a ausência de senso crítico. Criadas para resultar em uma total alienação coletiva da sociedade alemã, as peças de divulgação e propaganda criadas por Adolf Hitler e Joseph Goebbels tinham como cerne principal o intuito de criar o conceito nacionalista e protecionista na população germânica. Para evidenciar em seus discursos e peças, a publicidade do partido nazista alemão tinham a trilha sonora

de compositores única e exclusivamente nascidos na Alemanha. Dentre eles, um dos mais importantes da história da música: Richard Strauss.

Seu estilo composicional baseava-se em grande parte em óperas e sinfonias, sendo, assim como Adorno, influenciado pelas vertentes da música pós-tonal, do início do século XX, que era uma resposta contrária à corrente estética vigente na época, o Romantismo.

Em sua instrumentação, usava-se de trompas, trombones e tubas, instrumentos do naipe de metais com timbres especificamente graves e imponentes, em passagens com intervalos musicais específicos que garantiam à época espanto e surpresa em suas óperas. Tais mecanismos de linguagem e expressão musical sugeriam ao ouvinte uma relação de “grandeza” e “heroicidade”.

Sabendo de tal fato e como assíduo apreciador da música germânica, Hitler exigia que tanto as peças publicitárias quanto seus discursos tivessem a trilha sonora de Wagner para garantir um estilo “heroico” em seus discursos, mascarando a verdadeira e nefasta ideia nazista por trás de suas imponentes palavras. Ao atingir um nível de coletividade sobre a intenção do que proferia, a população lhe deu confiança, graças à moldura publicitária que envolvia suas palavras sórdidas em peças que, à ouvidos leigos, eram banhadas pela música ocidental heroica de Wagner, como se o *Führer* fosse tido como uma espécie de messias da pátria alemã.

5.3. A Representação do Bem e do Mal

O partido nazista se mostrava extremamente contra outras posições políticas, fazendo questão de usar ferramentas de publicidade contra outras ideologias com elementos de persuasão enraizados já na mente de seu povo.

A figura 6 apresenta uma propaganda impressa divulgando um discurso sobre nacionalismo que seria realizado pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

A imagem usa de cores vermelhas em sua fonte com a frase “Morte a Mentira”. Primeiramente nota-se a palavra Tod, que significa morte, a cor vermelha é usada para expressar a paixão e energia, chama atenção do consumidor. O desenho caracteriza de forma poética e faz novamente alusão a religião. Isto é perceptível através da cobra, um símbolo religioso que representa o mal.

Figura 6: *Tod der Lüge, Öffentliche Versammlung im Rabensaal Überlingen*

Fonte: (NSDAP, 1931)

A partir disso, pode ser observado a mão de um homem estrangulando a cobra, a mão esta sendo representada pelo povo alemão fardado pelo nazismo, a sociedade nacionalista, e a cobra representada pelo marxismo caracterizado pela ignorância.

O comunismo na época era um forte oponente do partido nazista, as ideias advindas de comunistas poderiam gerar traições ao governo nacionalista Alemão. O cartaz expressa de forma bem clara a supremacia do povo alemão em relação ao povo soviético. Os heróis que eram criados na mente alemã, eram capazes de acabar com outras culturas por simplesmente serem superiores.

O princípio da necessidade fatal, que traz a desgraça aos heróis míticos e que se desdobra a partir da sentença oracular como uma consequência lógica, não apenas domina todo sistema racionalista da filosofia ocidental, onde se vê depurado até atingir o rigor da lógica formal, mas impera até mesmo sobre a série dos sistemas, que começa com a hierarquia dos deuses e, num permanente crepúsculo dos ídolos, transmite sempre o mesmo conteúdo: a ira pela falta de honestidade (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 8).

A criação de figuras heroicas dentro do nacionalismo é evidenciada não só na Alemanha nazista, mas também em grande parte da cultura ocidental, começando com a necessidade de a religião ter um herói messiânico, alguém que proteja a sociedade. Adorno (1966) expõe que a ontologia da história concede o poder ao histórico de competências do ser, isso justifica a submissão de situações históricas. O poder mostra uma falsa fé que quebra a visão de realidade, assim as pessoas estabelecem uma afeição à ilusão.

No sentido existencial da humanidade não há um poder individual atribuído e sim a igualdade, porém a sociedade distorce a condição existencial e precisa da afirmação de poder de qualquer maneira, (ADORNO, 1966). No caso da Alemanha no contexto da segunda guerra, o valor em jogo ainda era o nacionalismo, sujeito a traição. O partido precisava reforçar a ideia de que o seu poder era a razão do crescimento da Alemanha, logo é o que era melhor para o país, sendo indiscutível as decisões.

A transformação do dogma cristológico, bem como o de toda a religião cristã, correspondeu simplesmente à função sociológica da religião em geral, à manutenção da estabilidade social pela preservação dos interesses das classes dominantes (FROMM, 1963, p. 61)

Fromm relata em sua obra que toda religião cristã tem uma função sociológica, isto também leva um controle social, defendendo os interesses de um poder.

Chamada de indústria da alegria, a indústria cultural poderia facilmente confundir os valores na mente da sociedade. Relevando alguns pontos cruciais, controlando a informação, focando apenas em publicações e discursos que alimentam a sociedade de conhecimento raso

e vazio. Isto facilmente transforma o senso de sua sociedade em um senso comum e negligente.

Adorno (1966) explica o idealismo como um animal faminto que a partir da busca por comida vai aumentando sua vontade de obter mais. Assim como o poder instiga mais poder, o Governo Nazista possuía cada vez mais o apetite da conquista. Excluindo todas as possibilidades de apropriação de outros conhecimentos que não fossem representados pelo próprio governo, conseguindo assim o maior apoio de sua sociedade.

A radicalização do pensamento leva o sujeito a consequências inesperadas, submetendo-o a uma vida falsa e injusta. Não há reflexão do sujeito em suas ações segundo Adorno (FABIANO, 2001). As consequências da inanição de conhecimento da sociedade alemã a fez omissa e conivente com os crimes realizados pelo poder governamental. Isto a tornou uma sociedade ignorante que é facilmente sujeita a alienação ideológica da massa e está tão saturada de signos enraizados que não desenvolve um interesse em questionar valores ou desenvolver outros.

6. Uma aproximação a partir de Paul Tillich

A partir de agora, escolhemos fazer uma aproximação crítica sobre a propaganda nazista a partir do filósofo e teólogo Paul Tillich. Essa aproximação não gera uma mudança significativa do referencial teórico usado acima, pois Tillich manteve grande simpatia pelos pensamentos desenvolvidos na Escola de Frankfurt. De fato, sua proximidade pessoal com Adorno e Horkheimer foi algo essencial para que a Escola de Frankfurt se configurasse do modo como aconteceu. Essa aproximação tillichiana é feita como princípio de complementação das contribuições da teoria crítica acima apresentadas. Alguns conceitos tillichianos, como a ideia de demonico, seus conceitos de religião, quase-religião e cultura, auxiliarão nesse sentido.

Tillich foi o primeiro funcionário público a ser demitido pelo regime nazista. Foi demitido de sua cátedra na Universidade de Frankfurt e a convite do teólogo estadunidense Reinhold Niebuhr se mudou para os Estados Unidos da América, onde passou a lecionar no Union Theological Seminary de Nova Iorque. Já na década de 1940, Tillich desenvolveu uma série de programas de rádio destinados ao povo alemão e configurados como uma contra-propaganda do regime nazista.

Na época, pouca gente soube da atividade de Tillich que se estendeu de março de 1942 a maio de 1944. Posteriormente, os 116 programas foram compilados e publicados em alemão e traduzidos para diversas línguas sob o título ‘Contra o terceiro reich’.

No discurso de 1943 intitulado ‘Quem é culpado?’ Tillich fala o seguinte:

Na Alemanha as pessoas têm frequentemente a sensação de que a questão da culpa é um pretexto para dar aos vitoriosos uma consciência limpa por ter destruído seus conquistados. E agora veja a propaganda nazista – eles repetidamente afirmam que os outros são culpados por tudo – primeiro a república alemã, então os bolcheviques, depois a democracia, sempre os judeus, algumas vezes os capitalistas, outras vezes os comunistas, algumas vezes as igrejas e outras os intelectuais. Mas, sempre alguém é culpado. Não há discurso do Führer e não há propaganda na Alemanha na qual algum grupo ou indivíduo não seja responsabilizado por uma ou outra coisa. Ninguém trabalha mais com a acusação de culpa do que a propaganda nazista (TILLICH, 1998, p. 109).

Tillich analisa criticamente as propagandas nazistas e a partir disso tece um comentário bem elaborado sobre os meandros de tal propaganda. Nesse caso, o autor está falando sobre como as propagandas nazistas trabalham continuamente a questão da transferência de responsabilidade, ao apontar tal fato, Tillich permite que quem assiste à propaganda possa também olhar criticamente e perceber que as transferências de responsabilidade são na verdade um artefato técnico e não uma defesa ideológica válida. Assim, o autor demonstra com qual tipo de técnicas o regime nazista conseguia manter o povo alemão sob seu domínio. A aceitação da culpabilidade alheia serve como uma expiação para os pecados próprios, transformando os violentos dominadores em heróis beatificados.

Além de criticar pontos específicos do regime nazista e de sua propaganda, Paul Tillich se detém diversas vezes na crítica da consciência humana de seu tempo e da história do povo e do pensamento alemão. No discurso ‘O legado humano’ de 16 de março de 1943 Tillich afirma que

Existem três coisas que são relevantes para o humanismo, para o ser humano enquanto humano – razão, dignidade humana e humanidade. Essas foram as três estrelas que brilharam nos céus do grande século alemão e que agora desapareceram atrás das cinzentas nuvens e do escuro nevoeiro da barbaridade nacional socialista (TILLICH, 1998, p.130).

Tillich aponta que a Alemanha nazista substituiu a razão humana pela racionalidade técnica. A crítica sobre a racionalidade técnica é um dos assuntos mais comuns da Escola de Frankfurt. Mas, enquanto os frankfurtianos estão mais preocupados com a compreensão da reprodutibilidade técnica e das comunicações de massa, Tillich se mostra mais preocupado com a própria constituição coletiva do pensamento alemão. Em segundo lugar, Tillich afirma que as distinções entre amigo e inimigo, pátrio ou forasteiro impedem que se veja a dignidade humana existente em cada pessoa. As distinções raciais impedem que se note a totalidade da raça humana.

Tillich foi um pensador que conseguiu colocar em diálogo os elementos da cultura com os elementos religiosos, mostrando sempre que há uma ligação íntima entre ambos, no caso a relação entre forma e fundamento/conteúdo. Para o autor, a existência humana é mediada pelas linguagens culturais, é neste sentido que existe também a possibilidade de mostrarmos elementos teológicos da propaganda nazista. Particularmente, o ponto que mais nos chama a atenção é a questão do demoníaco e de como tal conceito se aplica no caso da propaganda nazista.

Sobre a ideia de demoníaco segundo Paul Tillich apresentamos uma definição sintética e muito explicativa

O demoníaco não é um ente, mas, antes, é o desejo do ser humano e de suas ações e instituições serem últimas e supremas. Como notou Sartre, o ser humano é um ser com a ilusão de ser Deus. A reflexão de Tillich acerca da esfera do demoníaco (onde estão os imaginários de inferno/demoníaco/mal) conclui que o mal não tem poderes supremos, enquanto o demoníaco é uma possibilidade para o ser humano. O demoníaco, portanto, é tudo aquilo que na condição de finito reivindica ser último, supremo e decisivo (SOUZA, 2011, p.61).

O demoníaco, para Tillich, não é um ente, um demônio, mas uma possibilidade humana, quando a condição finita reivindica ser supremo.

Como mostramos ao longo das análises das propagandas, o regime nazista utilizou do desenvolvimento técnico para tentar transformar a finitude de um regime político na resposta última para o povo alemão.

7. Conclusão

O presente trabalho se ocupou de apresentar e debater alguns pontos da propaganda nazista, primeiramente a partir da Escola de Frankfurt e em seguida a partir da teologia da cultura tillichiana.

Após a apresentação das análises propostas podemos dizer que a técnica foi um elemento central na disseminação da propaganda nazista, de modo que a crítica frankfurtiana a seu tempo estava bastante alinhada com a realidade que hoje podemos perceber a partir do distanciamento histórico.

A propaganda nazista exerceu tamanha importância que um acadêmico como Paul Tillich resolveu elaborar uma contrapropaganda em forma de programa de rádio, mostrando como a propaganda nazista era perversa tanto em conteúdo como em estrutura. A culpabilização da vítima e o apelo emocional foram apontados pelo autor como algumas das táticas utilizadas pelos nazistas.

Por fim, a nefasta tentativa hitleriana de transformar seu governo – finito – em uma esperança infinita constituiu aquilo que Paul Tillich considera como o demoníaco, a tentativa de subverter as estruturas ônticas da finitude. Isso se deu tanto no campo puramente político como no apelo da religiosidade profunda presente nos traços culturais da Alemanha daquele tempo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. In: COHN, G. (org.) **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1978, p. 287-295.

_____. **Teoria Estética**. Tradução de Arthur Morão. Lisboa. Edições 70: 1970.

_____. **Negative Dialectics**. Tradução de Seabury Press, Incorporated. Grã Bretanha. Taylor & Francis Group: 1973.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro. Zahar: 1985.

COMPARATO, F. K. **A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos**. São Paulo. Saraiva: 2010.

DIEHL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**, Berlin, An-nablume, 1996.

FABIANO, L. H. **Bufonices Culturais e Degradação Ética**: Adorno na contra-mão da alegria. In: Teoria Crítica Estética e Educação. PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. A. S. São Paulo: Autores Associados, 2001.

FROMM, E. **O Dogma de Cristo e Outros Ensaios Sobre Religião, Psicologia e Cultura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar: 1963.

HEYDECKER, J. J. **O Julgamento de Nuremberga**. São Paulo: Ibis, 1966.

PORTAL USHMM - UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIUM MUSEUM. **O Holocausto**. (2016). Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>>. Acesso em 28 nov. 2016.

_____. **A Segunda Guerra Mundial na Europa (Artigo Resumido)**. (2016). Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10008000>>. Acesso em 28 nov. 2016.

_____. **A Propaganda Política Nazista**. (2016). Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em 28 nov. 2016.

SANTIAGO, E. **República de Weimar**. (2012). Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/republica-de-weimar/>. Acesso em 28 nov. 2016.

SANTOS, V. C. N. **Luz, Câmera, Hitler! Cinema e Propaganda a Serviço do Nazismo**. VI Simpósio Nacional de Historia Cultural Escritas da Historia: ver – sentir – narrar. ISBN: 978-85-98711-10-2. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br>>. Acesso em 16 de nov. de 2015.

SANTOS, S. F. **Contexto Internacional dos Direitos Humanos**: como salvar o ser humano. (2013). Disponível em: <<http://www.santacruz.br/ojs/index.php/JICEX/article/viewFile/109/385>>. Acesso em 28 nov. 2016.

SOUZA, V. C. O inferno está vazio e os demônios estão aqui: uma reflexão existencialista sobre as histórias dos infernos em diálogo com o demoníaco em Paul Tillich. Revista Eletrônica Correlatio n. 20. São Bernardo do Campo, Dezembro de 2011.

TILLICH, P. **Against the Third Reich**: Paul Tillich's Wartime Addresses to Nazi Germany. Louisville: Westminster John Knox Press, 1998.

_____. **The Courage To Be**. Nova Iorque. Vail-Ballou Press: 1980.

PAUL TILLICH

FONTES CONSULTADAS

https://www.youtube.com/watch?v=_uP9h008eHU

<https://br.pinterest.com/pin/502292164669300620/>